



LITURGIA DA NOVA CRIAÇÃO

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo: A liturgia é um espaço privilegiado para a formação da consciência de uma nova relação com o planeta. Jesus Cristo, o Novo Adão, através do seu sangue leva à plenitude o tempo estabelecido e recapitula o universo inteiro: “tudo o que está nos céus e tudo o que está sobre a terra” (Ef 1,10). “Quando fizermos parte da nova criação, enfim libertada de toda maldade e fraqueza, poderemos cantar a ação de graças do Cristo que vive para sempre” (Oração Eucarística sobre Reconciliação I).

Palavras-chaves: Liturgia; Nova Criação; Ecologia; Tempo; Espaço.

Abstract: The Liturgy is one special space to formation of conscience of a new relation with the planet. Jesus Christ, the New Adam, through of her blood lead to plenitude the time and bring all universe: “everything in heaven and on earth” (Ep 1,10). “Then, free from every shadow of death, we shall take our place in the new creation and give you thanks through Christ, our risen Lord.” (EP for Reconciliation I).

Keywords: Liturgy; New creation; ecology; time; space.

A liturgia é um espaço, por excelência, de educação ambiental, e que pode contribuir para uma nova consciência que responda os grandes problemas ecológicos da atualidade. O objetivo deste artigo é apresentar que a questão ambiental não é um elemento secundário da liturgia; ao contrário, é um dos elementos prioritários na celebração.

Infelizmente nos deparamos com situações diversas que vão contra essa rica possibilidade, tanto em celebrações litúrgicas como paralitúrgicas. Por exemplo: a queima de madeiras em festas de São João e São Pedro; corte de madeiras para a bandeira dos padroeiros; o lixo que se joga nos espaços de celebrações, tanto nas missas dominicais como nas grandes celebrações campais etc.; a falta de coleta seletiva nas Igrejas. Os descasos não podem nos impedir de mudar esta realidade.

A liturgia é um momento e espaço rico onde se celebra a vida, sua beleza, suas dores, seu alvorecer e seu entardecer.¹ É o espaço sagrado

¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 1

onde os fatos mais íntimos da vida das pessoas são lembrados, e faz lembrar as palavras de Deus diante de Moisés, diante da sarça, orientando retirar as sandálias para entrar em contato com o mistério divino (Ex 3,5). Ou como o respeito manifestado por Elias diante da voz do silêncio (*qol demamah daqqah*),² expresso no cobrir do rosto com o manto (1Rs 19,12-13).

O retirar as sandálias ou cobrir o rosto aqui não é algo no sentido físico de se fazer, mas uma atitude espiritual que nos chama atenção para a realidade para a qual nós entramos em contato. Estamos diante do terreno sagrado da vida das pessoas e da vida divina.

Celebrar é expressar o nosso profundo amor manifestado em nosso canto de louvor, o qual devemos expressar e para o qual nós fomos retirados do nada para a beleza da existência.³ A liturgia passa a ser como um local de síntese de tudo que vivemos, do nosso conhecimento, da nossa espiritualidade, dos acontecimentos diários e históricos, por isso tudo aquilo que aprofundamos na nossa vida vai influenciar o modo como celebramos diante de Deus.

Tempo e Espaço

Muitas vezes somos chamados à atenção para o tempo litúrgico, e enfatizamos a importância do Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Tempo Comum. Mas tão importante quanto o tempo é o espaço. Matéria e tempo, dentro do plano de Deus, são santificados pela ação da oração voltada para o Senhor. Por isso, o mistério da matéria, da natureza, do ambiente vital, o ambiente em que celebramos tem tanta importância quanto o tempo litúrgico.

Na liturgia, o espaço e o tempo deixam de ser um palco passivo para terem incidência concreta na dinâmica do Universo. A celebração não pode descuidar da importância que, então, tem o meioambiente nesse contato, nesse encontro de irmãos e irmãs com o Senhor. O tempo e a matéria se abraçam⁴, assim como a justiça e a paz (Sl 85,11).

² Fernando César Chaves REIS. *1Rs 19,7-18. Elias no Monte Oreb. Observações críticas de análise textual*. Roma: Pontificium Institutum Biblicum de Urbe, 2008.

³ CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. 84.

⁴ "Isaac Newton nos deu o primeiro modelo matemático para o tempo e espaço em seu *Principia mathematica*, publicado em 1687. [...] No modelo de Newton, tempo e espaço constituíam um pano de fundo em que os eventos ocorriam mas não eram afetados por eles. O tempo era distinto e considerado uma linha única ou trilho de trem, infinito em ambas as direções. O próprio tempo era considerado eterno, no sentido de que sempre tinha existido e de que existiria para sempre [...] Isso preocupou filósofos como o alemão Immanuel Kant.

Depois das mudanças de paradigmas de relação com a natureza, passando de uma visão fixista do universo para uma visão de manipulação da natureza, precisamos renovar a atitude humilde de São Francisco diante da irmã terra, do irmão sol e da irmã morte. Um paradigma que não exclui, segundo o próprio pensamento de filósofos contemporâneos, a existência de Deus e Criador da ordem natural.⁵

A natureza nas indicações do Antigo Testamento

As Sagradas Escrituras se abrem com duas belíssimas narrações sobre a natureza como obra criada por Deus. Na primeira narração, a Sacerdotal, a vida brota de uma fonte divina: mares, céus, peixes, plantas, pássaros, homens e mulheres (Gn 1-2,4^a). Na segunda narrativa, a da tradição javista, Deus é apresentado como um jardineiro que está a cuidar da terra, e coloca o homem no mesmo jardim para dele cuidar e cultivá-lo (Gn 2,8.15). O tema do jardim repete-se ao longo do texto bíblico, e expressa toda harmonia e felicidade paradisíaca que Deus pensou para a humanidade, e não de um mundo marcado por injustiças e violências. O nosso cuidado ambiental é para que todos possam experimentar a vida como um paraíso.⁶

Se o universo foi realmente criado, por que tinha havido uma espera infinita antes da criação? [...] Kant denominou esse problema uma “antinomia da razão pura” por parecer uma contradição lógica; não tinha solução. Mas era uma contradição somente no contexto do modelo matemático newtoniano [...] Um modelo matemático totalmente novo foi proposto por Einstein [...] Ao curvar espaço e tempo, a relatividade geral transforma-os de um pano de fundo passivo contra o qual ocorrem os eventos em participantes dinâmicos e ativos dos acontecimentos. [...] Segundo Santo Agostinho, antes de criar o Céu e a Terra, Deus não criou absolutamente nada. Na verdade, isso se aproxima bastante das idéias modernas [...] Na relatividade geral, tempo e espaço não existem independentemente do universo ou um do outro. [...] Não faria sentido perguntar o que aconteceu antes do início ou o que acontecerá após o fim, porque tais tempos não seriam definidos. [...] Não surpreende que Penrose e eu conseguíssemos provar que, no modelo matemático da relatividade geral, o tempo precisa ter um início, no chamado big-bang.” Stephen HAWING. *O Universo Numa Casca de Noz*. São Paulo: ARX, 2004, 32-41. Segundo Pe. Caetano, “a ideia duma criação a partir do “Nada” é uma ideia filosófica mais tardia que os hebreus não tinham condições de entender”, em: Caetano Minette TILESSE. Hino da Criação. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v.1, n. 1, 7-39, aqui 15, 1984. “A doutrina cristã solidificou, no imaginário popular, a afirmação de que Deus criou tudo “do nada” [...] A doutrina da *creatio ex nihilo* amadureceu na patrística grega, especialmente com Irineu e Teófilo, em confrontação com doutrinas gnósticas” em: Luiz Carlos SUSIN. *A Criação de Deus*. Valencia – São Paulo: Siquem – Paulinas, 2003, 60.

⁵ Vittorio HÖSLE. *Hegel e la fondazione dell'idealismo oggettivo*. Milano: Guerini e Associati, 1991, 64; Edgar MORIN. *O método 6. Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005, 34: “Há, certamente, um ‘gênio’ da organização e da criação na geração de forma e de seres de extrema diversidade e de extrema complexidade”.

⁶ Carlos MESTERS. *Paraíso terrestre – saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 1991.

A natureza, inicialmente marcada pela harmonia, sofre as consequências do egoísmo humano expresso na narrativa de Adão e Eva. Mas a indicação do repouso do sábado permanecerá como uma norma importante de atenção com a natureza, onde o repouso deve ser garantido não apenas ao trabalho humano, mas à própria terra no repouso do ano sabbático e do ano jubilar (Lv 25).

Vemos nas Escrituras que Moisés e Elias iam rezar nos montes do Sinai e do Carmelo (Ex 19,11; 1Rs 19,9), enquanto o Cristo Senhor ia rezar no Tabor (Mt 17, 1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Oravam em santuários da natureza, onde podiam contemplar a imensidão do mundo criado, a beleza da manifestação de Deus. A natureza emerge aqui como espaço privilegiado de oração, mas o templo seria como que a riqueza da natureza expressa no espaço de meditação. *O templo não deixa de ser também um santuário da natureza, no sentido de que é no mundo que celebramos nossa vida de encontro com Deus.*

A mesma indicação do jardim temos nos Cantares. É um local para expressar um amor profundo, quando, passando de uma lado para o outro, a amada busca o seu amado, o Amado procura sua amada, e perpassam o campo, a cidade, com suas flores e pássaros. Se seguimos o texto do Ct, encontramos quase em todos os versículos uma indicação de elementos da natureza, e que alguns deles São João da Cruz relacionava com a espiritualidade cristã⁷: Vinho (1,2); Perfume (1,3); Óleo (1,3); Sol (1,6); Vinha (1,6); Rebanho (1,7); Cabras (1,8); Égua (1,9); Nardo (1,12); Mirra (1,13); Cacho de cipro florido (1,14); Pombas (1,15); Cedro (1,17); Ciprestes (1,17) Narciso de Saron (2,1); Açucena dos vales (2,1); Passas (2,5); Maçãs (2,5); Montes e Colinas (2,8); As Flores florescem (2,12); Pássaros (2,12); Flores (2,12); Campo (2,12); Figos (2,13); Raposas (2,15); Açucenas (2,16); Brisa (2,17); Cervas e gazelas (3,5); Incenso e Mirra (3,6); Madeira do Líbano (3,9); Ouro, prata, ébano (3,10); Colina de incenso (4,6); Leões (4,8); Panteras (4,8); Leite e Mel (4,11); Romãs (4,13); Nardo, Açafraão, Aloés, (4,14); Fonte do jardim (4,15); Água viva (4,15); Copa de palmeira (5,11); Corvo (5,11); Águas correntes (5,12); Colinas de ervas perfumadas (5,13); Pedras de Társis (5,14); Marfim, Mármore (5,14-15); Balsameiras (6,2); Aurora, Lua (6,10); Jardim das noqueiras (6,11); Carmelo (7,6); Mandrágoras (7,14); Frutos novos, Frutos secos (7,14); Vinho perfumado, Licor de romeiras (8,2); Deserto (8,5); Cedro (8,9); Jardins (8,13); Montes perfumados (8,14).

⁷ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Cântico Espiritual – resposta às angústias do homem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1980.

O texto do Cântico dos Cânticos demonstra como a natureza está intimamente ligada à nossa relação de amor com Deus, e como temos grandes possibilidades de fazer emergir na liturgia os elementos da natureza da nossa região para expressar esta relação de amor.

Em Jó 38, temos que a sabedoria criadora de Deus confunde Jó. Em Eclo 42,15-43,33, a glória de Deus se manifesta na natureza. Nos Salmos temos diversos exemplos da experiência do amor de Deus através da natureza, como no Salmo 8, 4: “Quando vejo o céu, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste, que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo?”. O esplendor da criação é o tema do Sl 103 e no Sl 148 temos o louvor cósmico. Na famosa profecia de Isaías 11,6-8, temos a convivência do descendente de Davi com a natureza, que expressa a harmonia que deve haver entre os seres humanos com toda a natureza criada: “o lobo morará com o cordeiro”.

Dentre tantos textos que poderiam ser citados da Primeira Aliança, não poderíamos deixar de lembrar o Cântico dos três jovens, no Livro de Daniel (3,51-90). A indicação do texto é muito sugestiva, o louvor a Deus nos ajuda a suportar as tribulações da vida.

Encontramos, em diversos momentos no Antigo Testamento, indicações de que a natureza é como um livro no qual podemos perceber a mente sábia do Criador, uma espécie de teologia natural. As criaturas são consideradas em sua relação a Deus, obras de Deus, imagens de Deus, chamadas a participar de sua vida íntima ou entrar no movimento cósmico.⁸

Luzes ecológicas no Novo Testamento

Na missão do Cristo temos grandes indicações da questão ambiental. O primeiro grande exemplo é sua ida para o deserto, segundo a narrativa do Evangelho de Marcos, onde Ele vai conviver com as feras, expressando a harmonia que o Messias viria trazer segundo Isaías. Posteriormente, na sinagoga de Nazaré, ao início de sua missão pública, diz ser ungido para anunciar o Ano da Graça do Senhor, o qual insere o repouso da terra (Lc 4,19). O texto proclamado é muito apreciado pela sua dimensão missionária, pela atenção do Mestre para com os pobres sob a ação do Espírito Santo, e situa a atenção para com o meio-ambiente, na nossa linguagem de hoje, quando afirma que vem proclamar o Ano da Graça que, como já vimos, se relaciona com o repouso da terra.

⁸ René LATOURELLE. *Teologia, Ciência da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1981, 21.

Podemos relacionar a missão do Senhor com o mundo criado a partir de diversos textos dos Evangelhos. O próprio prólogo do Evangelho de São João nos afirma que tudo foi criado por meio dele (Jo 1,3). Os Padres da Igreja interpretaram a presença de Maria como a Nova Eva, ao lado do Cristo, o Novo Adão. Embora seja um simbolismo que nem todos aceitam,⁹ podemos ver na narrativa a manifestação da Nova Criação, a partir da obediência ao plano de Deus.

Assim como Moisés e Elias, o Cristo tinha preferência por orar em certos lugares, como o Tabor e o Jardim das Oliveiras, santuários da natureza que deveriam lhe proporcionar melhores condições de se sintonizar com o Pai. A escolha do local na prática do Cristo parece não ser algo casual, mas com preferências que marcam a importância deste momento.

As narrativas do milagre do pão e do andar sobre as águas, ao mesmo tempo que são sinais claros que expressam que Ele é o Messias, indicam que a presença do Senhor repercute de forma diversa sobre a matéria criada. A natureza chega mesmo a obedecer a sua palavra (Mc 4,41; Mt 8,27; Lc 8,25) e a chorar a sua morte (Mc 15, 33; Mt 27, 45.51b; Lc 23, 44-45^o).

A ressurreição do Senhor fala da nova vida que assume. O corpo, a matéria, faz parte da ressurreição, não apenas os elementos espirituais. A ressurreição do Senhor diz respeito a uma nova realidade de todos os batizados e de toda a criação. Novamente, surge o jardim para falar desse momento tão decisivo para nossa fé, local onde Maria Madalena encontra o Cristo Ressuscitado (Jo 20,11-18). O jardim vem então com novo significado como local por excelência para expressar a alegria da Ressurreição do Senhor.

Jürgen Moltmann, a partir da ressurreição, propõe um novo paradigma que supere o da história, que separou o reino da liberdade com o reino da necessidade. Nesse modelo, o espírito humano foi compreendido como não possuindo natureza, e a natureza como não possuindo espírito. Por isso, ele propõe um novo – o paradigma ecológico.

A salvação é a salvação de toda a criação e de todas as criaturas, e não pode ficar restrita à salvação da alma humana nem à bem-aventurança da vida humana. Se não houver uma salvação da natureza, também não

⁹ R. E. BROWN – K. P. DONFRIED (ORGS.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, 204.

poderá haver uma salvação definitiva do ser humano, pois os seres humanos são seres da natureza. [...] Na perspectiva da natureza, a ressurreição de Cristo significa que com ele teve início a universal ‘destruição da morte’ (1Cor 15,25), e que se torna visível o futuro da nova criação, quando “a morte deixará de existir’ (Ap 21,4)¹⁰.

A ressurreição de Jesus deve ser compreendida como o primeiro momento da nova criação de um mundo passageiro para um eterno. Essa cristologia cósmica indica um momento ecumênico e de diálogo inter-religioso, porque, segundo o Moltmann, o mundo deseja não uma religião nova, mas paz e união na humanidade. A tarefa das Igrejas com esse espírito não é a concorrência religiosa, mas a reconciliação da humanidade e do cosmos.

A eclesiologia é iluminada por esse paradigma no sentido de que a Igreja, corpo de Cristo, é desde sempre representante de toda a criação. Deus é adorado no templo de sua criação inteira. “O reino de Deus é o reino da ressurreição da terra”.¹¹ “Isto obriga a todos os que esperam a ressurreição a permanecerem fiéis à terra, a respeitá-la e amá-la como a si mesmos.”¹²

Moltmann critica também uma visão cristã restrita à cristologia que, segundo o mesmo, deve ser enriquecida com importância do Espírito Santo, que indicaria um enriquecimento capaz de uma posição mais adequada diante da complexidade atual em torno da ecologia.¹³

Esta atenção para a ação do Espírito Santo na criação é tema na Carta aos Romanos. São Paulo exorta que através da natureza podemos ler sua realidade invisível (1,20), e que a criação espera ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus (8,19). Podemos perceber a importância do *Pneuma* nessa gestação, inclusive encontramos a reflexão da libertação do sofrimento da criação. As dores de parto da natureza nos levam a diversas questões, como a superação do pecado, da injustiça, num mundo caduco, marcado por tanta violência e desigualdade. Falar de

¹⁰ Jürgen MOLTSMANN. Ressurreição da natureza. Um capítulo da cristologia cósmica. **Concilium**, Petrópolis, v. 318, n. 5, 76-84, aqui 77, 2006.

¹¹ D. BONHOEFFER. *Dein Reich komme. Das Gebet der Gemeinde um Gottes Reich auf Erden* (1932). Hamburgo, 1958, 12, cit em: Jürgen MOLTSMANN. *op. cit.*, 84.

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ *Idem*. *The Way of Jesus Christ. Christology in Messianic Dimensions*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1990; *Idem*. *God in Creation. An Ecumenical Doctrine of Creation*. London: SCM, 1985, cit. em: Terence KENNEDY. “Veni, Creator Spiritus”: The Conservation of the Created Cosmos, **Studia Moralia**, v. 36, n. 2, 421-439, aqui 435, 1998.

vencer esta situação indica a perspectiva de um mundo novo, uma obra nova, que emergirá com o abraço da paz e da justiça.

Na Carta aos Colossenses, afirma que “nele foram criadas todas as coisas” (1,15-20), e em Efésios, indica a famosa recapitulação de todas as coisas no Cristo (Ef 1,10).¹⁴ Na visão de Hebreus, o universo é mantido pelo poder de sua palavra (1,2-3).

O tema do “Novo Céu, Nova Terra” vai concluir indicações ambientais nos textos sagrados. Encontramo-lo em 1Pd 3, 13 e no Apoc 21,1. A teologia da criação perpassa toda narração bíblica, voltamos à idéia do paraíso perdido que será recomposto pela ação do Cristo Senhor e do seu Espírito.

A celebração dominical

Na Narrativa Sacerdotal da Criação, encontramos o cume no sétimo dia, no repouso, no *sabat*. O dia do repouso não é apenas dia de repouso de Deus, mas do homem e da mulher, e também da criação. A própria terra, nas celebrações do ano sábitico e do ano jubileu, terá o direito de repousar. Posteriormente, na Igreja, as aves e os animais da terra terão o direito de terem repouso da caça humana no Dia do Senhor.

A vida é como uma grande batida de coração, marcada por trabalho e repouso, uma sístole e uma diástole, para encher de sentido as veias e artérias do mundo. Exatamente no sábado, encontramos o Cristo não infligindo a lei da Criação (Mc 2,23-27), mas completando a obra da criação, com a salvação. A caridade não poderia ser esquecida no repouso sabático. Tudo pode ter repouso, menos a caridade, e se desejamos o repouso profundo, só o experimentaremos no exercício da caridade.

O sábado então completa a criação, e o primeiro dia depois da criação passa a ser o domingo. Assim também como o domingo é o dia do Senhor (Jo 20,1.19), o momento em que os cristãos passam a se encontrar e unidos a perseverar em oração e celebrar o memorial da morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O domingo é, pois, o principal dia de festa que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis: seja também o dia da alegria e da abstenção do trabalho. As outras celebrações não lhe sejam antepostas, a não ser as de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico¹⁵.

¹⁴ Luiz Carlos SUSIN. *op. cit.*, 153-158.

¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*, 106.

O repouso aqui nos interessa, porque como expressão do tempo interfere na realidade da matéria, na criação, na terra. Além de situar que a ordem da celebração, a partir da indicação do Gênesis, tem uma relação direta com a obra da criação e a criação caminha para celebração como um momento de auge de sua própria existência. É como uma situação dada como arquétipo¹⁶: *Enuma Elish*, na Babilônia¹⁷; Mistérios Eleusis, na Grécia¹⁸; nos Yanomanis¹⁹. A não celebração implicaria numa volta ao caos inicial da natureza.

A Santa Missa e indicações ecológicas

A celebração da Santa Missa é marcada por diversos elementos da natureza, como as próprias oferendas do pão e do vinho, que são elementos materiais da celebração e do sacrifício. O ritual é cheio de expressões que aludem a questão: o aceitar e santificar as oferendas; dentre os bens que nos destes, o sacrificio perfeito e santo, pão da vida eterna e cálice da salvação; Por ele não cessais de criar e santificar estes bens e distribuí-los entre nós. Chamamos atenção para as citações referentes à natureza expressa nas orações eucarísticas.

Na Oração Eucarística III, temos: “Tudo o que criastes proclama vosso louvor”; “Dais vida e santidade a todas as coisas”; “Do nascer ao pôr-do-sol um sacrificio perfeito”. Por sua vez, a Oração Eucarística IV expressa: “Mas, porque sois o Deus de bondade e a fonte da vida, fizestes todas as coisas para cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz”; “Com eles, também nós, e, por nossa voz, tudo o que criastes, celebramos o vosso nome, cantando a uma só voz”.

Talvez entre todas as orações eucarísticas a que mais chame atenção pelo conteúdo ecológico seja a Oração Eucarística IV, que apresenta a dificuldade com o uso da palavra “domínio” dentro do seu corpo:

Nós proclamamos a vossa grandeza, Pai santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas: criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu Criador, dominassem toda criatura [...] quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos

¹⁶ Neoplatônicos – as idéias como modelo de todas as coisas existentes; teísmo – idéias presentes na mente de Deus; termo utilizado por Agostinho; psicologia analítica, Jung, modelos inatos que servem para o desenvolvimento da psique.

¹⁷ Caetano M. TILESSE. *op. cit.*, 18-22.

¹⁸ J. J. ARRUDA. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ática, 1979, 167-169.

¹⁹ Milton NASCIMENTO. *Txai*. 1990. CBS.

socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar [...] Enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra [...] Possamos alcançar a herança eterna no vosso reino, onde, com todas as criaturas, libertas da corrupção do pecado e da morte, vos glorificaremos por Cristo, Senhor nosso [...] Por ele dais ao mundo todo bem e toda graça.

Na Oração Eucarística para diversas circunstâncias III, encontramos as seguintes referências: “Pai santo, Senhor do céu e da terra [...] Pela vossa Palavra criastes o universo e em vossa justiça tudo governais.” Na Oração Eucarística Sobre Reconciliação I, existe a expressiva afirmação: “Quando fizermos parte da nova criação, enfim libertada de toda maldade e fraqueza, poderemos cantar a ação de graças do Cristo que vive para sempre.” A reconciliação é apresentada aqui não somente como necessidade nas relações humanas, mas com toda a obra criada, a luz novamente do profeta Isaías.

Liturgia Pascal

A celebração da Vigília Pascal, Mãe de todas Vigílias Sagradas (Santo Agostinho), é a celebração da Nova Criação por excelência. Rica de elementos que falam da natureza, temos logo de início, a bênção do fogo, o ritual da luz com o Círio Pascal, e nela está inserida o ritual do batismo, com a valorização e bênção da água.²⁰

A vigília é marcada por importantes leituras dos textos sagrados, iniciando-se com a narrativa sacerdotal da criação. A leitura da Páscoa celebra a abertura do Mar Vermelho.

Particularmente, após a leitura de Ez 36,16-28, temos a seguinte oração opcional: “Que o mundo todo veja e reconheça que se levanta o que estava caído, que o velho se torna novo e tudo volta à integridade primitiva por aquele que é o princípio de todas as coisas. Por Cristo, Nosso Senhor. Amém.”

Poderíamos nos questionar se, dentro de uma lógica da Nova Criação, manifestada pelo Ressuscitado, a última leitura do Novo Testamento antes do Evangelho não deveria ser a narrativa do Apocalipse 21.

No ritual batismal da Vigília, rezamos: “Já na origem do mundo, vosso Espírito pairava sobre as águas para que elas concebessem a força

²⁰ Adolf ADAM. *O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1982.

de santificar.” O Espírito nos faz entrar na liturgia como ação de graças ao Pai no Filho, e faz-nos entrar na Eucaristia universal onde os elementos sacramentais do pão e do vinho antecipam a transformação cósmica.²¹

A transformação cósmica diz respeito àquilo que já foi expresso, mas diz também respeito a uma dinâmica, a uma força que nos impulsiona para frente e nos faz seguir em frente. O ânimo é algo que vem do fruto do encontro com Deus, e o de que precisamos na caminhada é este ânimo para não parar, para poder colocar em prática o seu projeto.

Conclusão

A emergência do aquecimento do planeta convida a responsabilidade de todos e a sérias mudanças quanto às práticas antigas. Essa responsabilidade ecológica pode ser amplamente divulgada nos espaços eclesiais, particularmente nas celebrações.

O Antigo Testamento nos ilumina que somos parte da natureza e temos necessidade de cuidar da terra. Tanto os Salmos como outros cânticos bíblicos nos ajudam a integrar a natureza como expressão do amor de Deus por nós e com uma harmonia que precisa ser respeitada.

O Novo Testamento não se afasta da importância da natureza na vida cristã. A Ressurreição do Senhor Jesus manifesta uma Nova Criação, uma Nova Realidade. A ação do Espírito Santo não é apenas de transformar o pão e o vinho, mas de transformar a assembléia litúrgica e o universo inteiro para que Deus seja tudo em todos.

Assim como Elias, que após fazer a refeição do pão encontrou forças para seguir sua caminhada (1Rs 19,7), que a participação no Pão e Vinho da Salvação ajude-nos a seguir na construção de ações ecológicas que mantenham a vida no planeta para as gerações futuras.

Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira
Doutor em Teologia pela Academia Alfonsiana/Roma,
Professor do ITEP.

²¹ Terence KENNEDY. *op. cit.*, 438.